

KELLER, Tatiana. A habilidade dos escreventes em manuscritos do Rio Grande do Sul do fim do século XIX. *ReVEL*, vol. 17, n. 32, 2019. [www.revel.inf.br]

A HABILIDADE DOS ESCREVENTES EM MANUSCRITOS DO RIO GRANDE DO SUL DO FIM DO SÉCULO XIX¹

The ability of the writers in Rio Grande do Sul manuscripts of the late 19th century

Tatiana Keller²

tatianakeller.ufsm@gmail.com

RESUMO: Estudos como os de Marquilhas (2000), Barbosa (2005, 2017), Santiago (2012), entre outros, propõem que seja possível caracterizar a **habilidade** de um escrevente, ou seja, sua maior ou menor familiaridade com a escrita, com base na observação de aspectos físico-gráficos e gráficos e fonéticos. Neste trabalho, analisamos três manuscritos de dois redatores das cidades de Santa Maria e de Silveira Martins, ambas localizadas no estado do Rio Grande do Sul, produzidos no fim do século XIX (1890) e início do XX (1901), pertencentes ao acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Os documentos foram fotografados e transcritos de modo fiel para preservar todas as características dos originais. Foram observadas nos textos questões referentes ao traçado das letras, ao uso de abreviaturas, às substituições de segmentos, à segmentação vocabular não-convencional, à elevação de vogais etc. com o objetivo de identificar a proximidade dos redatores em relação ao código escrito. Os resultados indicam traços de inabilidade nos dois redatores.

PALAVRAS-CHAVE: habilidade dos escreventes; manuscritos; aspectos físico-gráficos e gráficos e fonéticos; séculos XIX e XX.

ABSTRACT: Studies such as Marquilhas (2000), Barbosa (2005, 2017), and Santiago (2012), among others, propose that it is possible to characterize the ability of a writer, that is, his greater or lesser familiarity with writing, based on observation of physical-graphical and phonemic aspects. In this paper, we analyzed three manuscripts of two writers from the cities of Santa Maria and Silveira Martins, both located in the state of Rio Grande do Sul, produced at the end of the 19th century (1890) and beginning of the 20th (1901), belonging to the Historical Archive of Santa Maria. The documents were photographed and transcribed in a way that was faithful to the originals. In the texts, questions regarding the tracing of the letters, the use of abbreviations, the substitutions of segments, the unconventional vocabular segmentation, vowel rising etc. were observed in the texts in order to identify the writers' familiarity to the written code. The results indicate traces of inability in both writers.

KEYWORDS: writers' ability; manuscripts; physical-graphical and phonemic aspects; 19th and 20th centuries.

¹ Este artigo apresenta resultados obtidos no âmbito do projeto de pesquisa **Fenômenos Linguísticos em textos de português antigo do Rio Grande do Sul**, registrado sob o número 037050, no Gabinete de Projetos do Centro de Artes e Letras, da Universidade Federal de Santa Maria.

² Doutora em Linguística Aplicada; Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

INTRODUÇÃO

Telles (2008) atenta para o fato de que um texto, além de seu caráter primordialmente comunicativo, pode revelar muito sobre as características de uma língua, sobretudo, se estivermos lidando com dados de sincronias passadas que são acessíveis apenas por intermédio de documentação escrita. Dessa forma, a Filologia e a Crítica Textual constituem-se como áreas relevantes para os estudos linguísticos, uma vez que fornecem valioso material para investigação, o qual é obtido por meio da seleção, coleta, fixação (ou estabelecimento) e transmissão de documentos. Nesse sentido, Telles (2008) também afirma que um texto é um documento de fatos linguísticos e que, para que se possa utilizá-lo como fonte de pesquisa, é essencial que seja reproduzido de forma conservadora, isto é, que todos os traços paleográficos e grafemáticos sejam preservados em sua transcrição. Spina (1977) denomina tal tipo de reprodução de **edição diplomática**. A vantagem desse tipo de edição, segundo Cambraia (2005), está justamente no fato de que todas as características do texto original são preservadas. Tavani (1988) nos lembra ainda de que se não dispusermos de textos fidedignos, todas as operações hermenêuticas e críticas calcadas sobre eles podem tornar-se arbitrárias, intempestivas e inseguras.

Assim, com base em textos transcritos de forma rigorosa, é possível observar lapsos óbvios de escrita e formas que são variações do escrevente, as quais podem evidenciar a ocorrência de fenômenos linguísticos e indicar maior ou menor habilidade para a escrita. No que diz respeito à habilidade, Marquilhas (2000: 235) denomina autores pouco familiarizados com a escrita como tendo **mãos inábeis** e os descreve como “falantes estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita”. Estudos como os de Marquilhas (2000), Barbosa (2005, 2017) e Santiago (2012), entre outros, propõem que essa habilidade para a escrita possa ser identificada a partir da observação de aspectos **físico-gráficos** e **gráficos e fonéticos**, tais como: ausência de *cursus*, não-uniformidade das letras, alinhamento não-ideal, falta de discriminação entre letras maiúsculas e minúsculas, substituições de segmentos, uso limitado de abreviaturas, segmentação vocabular não-convencional, elevação de vogais, etc.

Neste artigo, com base nas propostas desses autores, analisamos três documentos do final do século XIX e início do XX de dois redatores³ a fim de

³ Usamos, neste trabalho, os termos **redator** e **escrevente** como sinônimos.

observar o domínio do código escrito de cada um deles. Todavia, não temos por objetivo estabelecer uma classificação opositiva **mão inábil** vs. **mão hábil**, uma vez que, como Barbosa (2017) alerta, a habilidade de um redator inscreve-se em uma escala gradiente cuja habilidade mínima e máxima é mais um modelo ideal do que real; diferentes redatores podem apresentar dificuldades distintas que, uma vez identificadas, devem ser colocadas dentro de um espectro. Silva e Lopes (2012), por exemplo, propõem um **continuum** para melhor situar o grau de letramento dos redatores que analisam.

1. APONTAMENTOS TEÓRICOS

Nessa seção, comentamos a importância do dado escrito como fonte para análises linguísticas de sincronias passadas e apresentamos os aspectos físico-gráficos e gráficos e fonéticos que nos auxiliaram na reflexão sobre a habilidade dos redatores dos textos sob análise.

1.1 IMPORTÂNCIA DO TEXTO ESCRITO

Documentos escritos auxiliam a preservação da memória e da cultura de um povo e possibilitam que se tenha acesso a formas linguísticas de sincronias pretéritas, as quais, se comparadas a estados modernos de língua, podem apresentar indícios de variação ou de mudança e de maior ou menor grau de proximidade com a escrita.

Estudiosos como Poggio (2002) e Monaretto (2005), por exemplo, chamam a atenção para a importância das fontes escritas para a explicação de fenômenos que perduram até os dias atuais. Esse posicionamento é justificado pela atuação do *princípio do uniformitarismo*, segundo o qual mudanças ocorridas no passado podem vir a acontecer no presente (LABOV, 1972).

Labov (1994) aponta como ponto forte da linguística histórica sua capacidade de acompanhar mudanças linguísticas ao longo do tempo, mas também menciona que seu ponto fraco é o fato de que os documentos de que se dispõe para análise sobreviveram por acaso. Mattos e Silva (1991) já fazia referência a essa dificuldade dizendo que, ao lidar com dados de sincronias passadas, o pesquisador fica limitado apenas aos documentos escritos que resistiram ao tempo e a acidentes históricos,

uma vez que não é mais possível contar com a ajuda de falantes nativos daquela variedade.

1.2 INDÍCIOS DE INABILIDADE DO REDATOR

Estudos como os de Marquilhas (2000), Barbosa (2005, 2017), Santiago (2012), entre outros, propõem que seja possível caracterizar a **habilidade** de um escrevente, ou seja, sua maior ou menor familiaridade com a escrita, com base na observação de aspectos físico-gráficos e gráficos e fonéticos.

Associa-se a inabilidade na escrita a aspectos físico-gráficos, tais como ausência de *cursus*, não-uniformidade no traçado das letras, irregularidade de empaginação, desrespeito às margens, entre outros, pois se pensa que pessoas com mais habilidade teriam traços mais firmes, letras mais arredondadas e interligadas e apresentariam cursividade homogênea.

A presença de desvios gráficos e fonéticos, tais como elevação vocálica, substituições de segmentos, segmentação vocabular indevida, entre outros, pode ser um indício de baixo letramento do redator, uma vez que evidenciaria influência da oralidade e sua pouca intimidade com textos escritos.

Para o presente trabalho, não serão levados em conta todos os aspectos levantados por Marquilhas (2000), Barbosa (2005, 2017) e Santiago (2012). Algumas adaptações foram necessárias para dar conta da amostra analisada.

Foi observada a ocorrência dos seguintes aspectos:

- a) **físico-gráficos**: ausência de *cursus* e presença de rasuras.
- b) **gráficos e fonéticos**: elevação de vogais, substituições consonantais, uso de formas etimologizadas, segmentação vocabular não-convencional e uso de abreviaturas.

A seguir, detalhamos cada um desses aspectos.

1.2.1 ASPECTOS FÍSICO-GRÁFICOS

1.2.1.1 AUSÊNCIA DE *CURSUS*

Marquilhas (2000) caracteriza como *ausência de cursus* ('movimento rápido') o desenho autônomo de cada grafema, ao invés do traçado encadeado das letras. Essa ausência pode ser atribuída à falta de agilidade dos músculos da mão, o que pode indicar menor habilidade na escrita. A Figura 1, retirada de Santiago (2012: 72), ilustra essa situação no registro do grafema *m*.

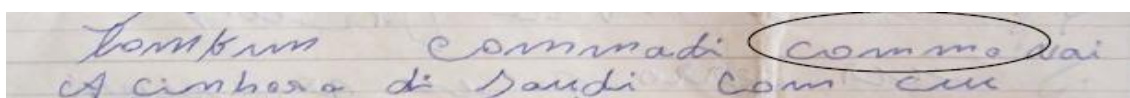


Figura 1: ausência de *cursus* (SANTIAGO, 2012: 72)

1.2.1.2 PRESENÇA DE RASURAS – INCERTEZA NA GRAFIA

Na Figura 2, apresentamos dois exemplos de rasuras, retirados das cartas de inábeis analisadas por Santiago (2012). Na palavra **voceis** (vocês), o redator corrigiu a forma utilizada inicialmente, possivelmente, com o grafema **s**, pela grafia com o grafema **c**. Na palavra **le** (lhe), vemos que a primeira tentativa de registro da palavra foi rasurada. Esses dois casos mostram vacilação quanto à forma correta de grafar tais palavras por parte dos redatores o que pode indicar que tenham pouca prática de escrita.



Figura 2 : exemplos de rasuras (SANTIAGO, 2012: 301 e 319)

1.2.2 ASPECTOS GRÁFICOS E FONÉTICOS

Descrevemos a seguir os aspectos que dizem respeito à influência da oralidade (elevação das vogais) e a convenções ortográficas (substituições consonantais, uso de formas etimologizadas, segmentação não-convencional, uso de abreviaturas).

1.2.2.1 ELEVAÇÃO DE VOGAIS

Autores como Bisol (1981), Castro (1991), Mattos e Silva (1991), Avelheda e Batista da Silveira (2011), Nasi (2014), dentre outros, apontam que a instabilidade na realização das vogais médias /e, o/ como /i, u/ em posição pretônica, presente no português atual (SCHWINDT, 2002, por exemplo), já ocorria em latim vulgar como os dados extraídos do *Appendix Probi* (séc IV d. C) mostram: *dysentericus non dysintericus, senatus non sinatus, palearium non paliarium, festuca non fistuca, formica non furmica, robigo non rubigo*.

Essa variação pode estar relacionada a fenômenos da fala tais como **harmonia vocálica** e **alçamento sem motivação aparente**. No processo de harmonia vocálica, as vogais médias /e, o/ realizam-se como /i, u/ obrigatoriamente na presença da articulação alta de uma vogal seguinte, por exemplo, *coruja* [ko'ruʒa] ~ [ku'ruʒa] *menino* [me'ninʊ] ~ [mi'ninʊ] (BISOL, 1981). Contudo, há casos em que as vogais médias pretônicas são pronunciadas como altas mesmo sem a presença de uma vogal alta em sílabas adjacentes. Nesse caso, estamos diante de alçamento sem motivação aparente, ou seja, sem contexto linguístico favorecedor, como por exemplo, em *boneca* [bo'nekʌ] ~ [bu'nekʌ], *melhor* [me'ʎɔɾ] ~ [mi'ʎɔɾ]. A ocorrência de qualquer desses casos pode indicar influência da oralidade na escrita e, conseqüentemente, menor domínio da diferença entre as convenções da fala e da escrita.

1.2.2.2 SUBSTITUIÇÕES CONSONANTAIS

Na língua escrita, por influência da oralidade, é muito comum a troca de segmentos consonantais cuja pronúncia é a mesma, por exemplo, as consoantes **s** e **z** em posição intervocálica é a mesma: [z], como em **vaso** e **vazar**. É o caso de **g** e **j** quando precedem as vogais **e** e **i**, como em **gentil** e **jeito**. Essa diferença de ortografia apenas pode ser explicada em função da etimologia das palavras ou por tradição de grafia.

1.2.2.3 USO DE FORMAS ETIMOLOGIZADAS

Barbosa (2005) comenta que o processo de **etimologização**, tentativa de reproduzir as formas de origem latina, era um recurso utilizado por redatores do século XIX a fim de garantir um nível de letramento maior aos textos que escreviam. Palavras grafadas com consoantes geminadas (**anno**, **commo**), com **h** (**huma**), com **y** (**Mayo**), entre outras, são exemplos de formas etimologizadas.

Barbosa e Lima (2003) observam que redatores mais hábeis apresentam maior número de formas etimologizadas do que redatores menos hábeis.

1.2.2.4 SEPARAÇÃO VOCABULAR NÃO-CONVENCIONAL

Espaços em branco, antes e depois, delimitam a palavra escrita. Essa delimitação, contudo, muitas vezes, não coincide com a segmentação da oralidade, o que pode gerar dúvidas para os indivíduos em fase inicial de aquisição da escrita, conforme apontam, por exemplo, os estudos de Ferreiro e Pontecorvo (1996), Abaurre (2002), Cunha e Miranda (2009) e Santos (2013).

É considerada **hipossegmentação** a grafia de modo contínuo de palavras que deveriam ser separadas, como por exemplo, *apartir* (a partir) e **hipersegmentação**, a inserção de branco gráfico entre grupos de letras, distintos de palavras gráficas, como por exemplo, *des de* (desde). Em nosso trabalho, tratamos apenas dos casos de hipossegmentação.

Cunha e Miranda (2009), ao analisar segmentações não-convencionais de produções escritas de crianças em fase inicial de alfabetização, comentam que as ocorrências de hipossegmentação podem estar relacionadas à noção que a criança tem a respeito do tamanho de uma palavra e à influência da oralidade. Em relação à extensão da palavra, as autoras mencionam que conjuntos de uma ou duas letras são difíceis de serem reconhecidos como palavras autônomas pelo aprendiz, por isso, na maioria das vezes, ele junta essas letras à palavra seguinte. As classes gramaticais como a conjunção *e*, os artigos, os pronomes e as preposições (monossílabos átonos) são as mais afetadas por esse fenômeno. No que diz respeito à influência da oralidade, as autoras citam as observações de Abaurre, Galves e Scarpa (1999) de que, no processo de aquisição da fala, enunciados de uma sílaba são evitados.

Trabalhos com produções de adultos em fase inicial de alfabetização, como os de Ferreira (2011) e de Santos (2013), e de redatores inábeis, como os de Marquilhas (2000) e de Santiago (2012), mostram resultados semelhantes aos das crianças. Por isso, Santiago (2012) qualifica o não-domínio dessa convencionalidade um traço de aquisição incipiente da escrita, uma vez que ela é aprendida e aprimorada por meio de atividades de leitura e de escrita. As segmentações não-convencionais são consequência da dificuldade em acertar o lugar do espaço em branco.

2.2.2.5 USO DE ABREVIATURAS

Conforme Flexor (1990), a proliferação das abreviaturas deve-se a dois fatores: ocupar menos espaço, devido à raridade e ao custo elevado do material de escrita, e economizar tempo, escrevendo mais depressa. Na atualidade, a ocorrência de formas abreviadas continua bastante frequente, especialmente nos meios digitais, e pode ser atribuída à necessidade de um registro escrito mais ágil. De acordo com Spina (1977), as abreviaturas podem ser classificadas como:

- a) sigla: representação de uma palavra por sua letra inicial, por exemplo, *UFMS* para *Universidade Federal de Santa Maria*;
- b) apócope: supressão das letras finais da palavra, por exemplo, *Gen.* para *General*;
- c) síncope: apagamento dos caracteres do meio do vocábulo, por exemplo, *Dr.* para *Doutor*;
- d) letras sobrepostas: sobreposição das letras finais do vocábulo, por exemplo, *m^{ta}* para *muita*⁴;
- e) signos especiais: indicação por meio de signos especiais de letras que foram eliminadas, por exemplo, o til que indica a supressão das letras *ue* em *q~*;
- f) letras numerais: abreviação de um número por meio de uma letra, por exemplo, o uso da letra *I* pelos romanos para representar o algarismo 1.

Duchowny, Coelho e Coelho (2014) enumeram quatro explicações para a ocorrência de abreviaturas nos documentos que analisam:

- (1) seu uso torna a escrita mais rápida e concisa;
- (2) a abreviação resume a palavra aos elementos mais importantes para sua decodificação o que torna a leitura mais rápida;

⁴ Frequentemente, a abreviação por sobreposição é acompanhada pela síncope, como é o caso aqui.

- (3) o formato e a frequência das abreviaturas relacionam-se a questões de época, moda e exigência do meio pelo qual se veicula a palavra; e
- (4) o emprego de abreviaturas pode ser um modo de ornamentar um texto e fornece sinais de que o escrevente domina o estilo de seu tempo.

Coelho, Ramos e Duchowny (2015) correlacionam essas explicações à possibilidade de medir o grau de letramento de um escrevente assim:

Se tais explicações são adequadas, poderemos depreender delas algo sobre o perfil social do escrevente que faz uso de abreviaturas: ele domina a escrita, na medida em que poderá executar sua tarefa com rapidez e concisão, restringindo-se aos elementos determinantes das palavras; é um bom leitor, na medida em que é capaz de construir seu texto em consonância com outros da época, além de sensível às especificidades do médium utilizado. Já a interpretação referente ao adorno do texto acrescenta um elemento novo, que manifesta atitude positiva em relação às abreviaturas, podendo levar a diferenças significativas quanto ao número de ocorrências nos diferentes textos (COELHO; RAMOS; DUCHOWNY, 2015: 336).

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, analisamos três manuscritos redigidos nas cidades de Santa Maria e de Silveira Martins, localizadas no estado do Rio Grande do Sul, no final do século XIX (1890) e no início do XX (1901), com o objetivo de levantar aspectos físico-gráficos e gráficos e fonéticos que nos auxiliem a refletir sobre a habilidade dos redatores na escrita. Os documentos pertencem ao acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria e foram fotografados com equipamento digital sem o uso de **flash** e com a utilização de luvas a fim de não danificar os originais.

A seguir, detalhamos os procedimentos adotados nas edições dos manuscritos.

2.1. EDIÇÕES DOS MANUSCRITOS

Conforme Spina (1977), **editar** um texto é reproduzi-lo. Essa reprodução pode ser feita de diversas maneiras dependendo, especialmente, do público a quem ela é destinada. Neste trabalho, apresentamos as edições fac-similares e diplomáticas dos manuscritos, as quais são reproduções fidedignas dos originais e, por isso, podem ser de interesse de especialistas em áreas como a linguística, a literatura e a história.

Na **edição fac-similar**, a imagem de um documento é reproduzida por meio mecânico (fotografia, xerografia etc) e transposta para outro suporte. Passa-se do papel (ou pergaminho, dependendo da época do documento) para o meio digital.

Para que esta edição cumpra seu papel é necessário uso de bom equipamento de captação de imagem (máquina fotográfica ou *scanner*), controle das condições do ambiente (luminosidade, umidade), cuidado no manuseio do original (uso de máscara e de luvas).

Na **edição diplomática**, apresenta-se a transcrição conservadora de todos os elementos presentes no modelo (sinais abreviativos e de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular etc). Este tipo de edição tem como vantagem isentar o leitor da decodificação das formas gráficas da escrita original, tarefa difícil, sobretudo, quando se trata de um documento manuscrito. Para fazer a edição diplomática de um documento, Cambraia (2005) propõe as seguintes diretrizes, as quais são adotadas neste trabalho:

- a) Transcrever com caracteres romanos redondos os caracteres, respeitando-se as diferenças de módulo;
- b) Reproduzir fielmente os diacríticos, os sinais abreviativos e de pontuação, a separação vocabular e a paragrafação;
- c) Colocar entre parênteses redondos simples os caracteres de leitura duvidosa e registrar os de leitura impossível como pontos dentro de colchetes, precedidos de uma cruz [†];
- d) Informar em nota de rodapé os caracteres apagados, modificados, nas entrelinhas ou nas margens, bem como as mudanças de tinta e de punho, ou quaisquer outras particularidades;
- e) Assinalar na margem superior à direita a mudança de fôlio, face ou coluna, em itálico e entre colchetes simples;
- f) Registrar o número de linhas, contando de 5 em 5, na margem esquerda, de forma contínua e em todo o texto.

Em uma análise de marcas de inabilidade, tal como a nossa, ressaltamos que o trabalho filológico requer ainda mais cuidado, uma vez que a presença e a frequência de formas não-convencionais fornecerão indícios de maior ou menor familiaridade do redator com a escrita.

3 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Nessa seção, apresentamos a edição fac-similar e a edição diplomática de cada um dos três manuscritos, bem como um pequeno resumo de seu conteúdo. Os dois primeiros manuscritos foram escritos pelo mesmo redator, Manoel Vicente, e o terceiro, por Rodolpho Möring Niederauer.

No **manuscrito 1** (M1, apresentado na Figura 3), o cidadão Manoel Vicente presta contas do recebimento de quantia referente a seu salário. O documento foi escrito em Santa Maria, em 27 de fevereiro de 1890.

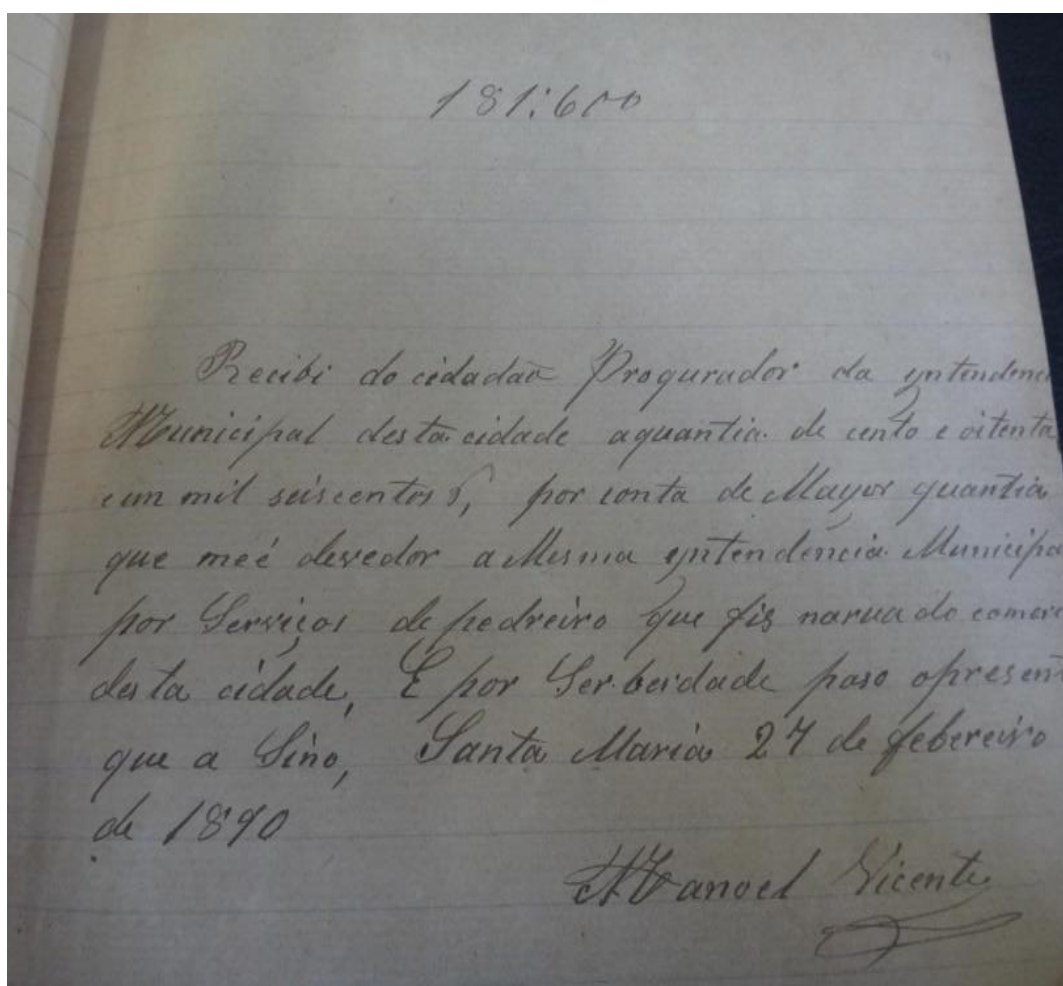


Figura 3: Edição fac-similada de M1

FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria

No Quadro 1, temos a edição diplomática do manuscrito 1.

	181:600
	Recibi do cidadão Proqurador da intendenci(a) Municipal desta cidade aquantia de cento e oitenta e um mil seiscentos r, por conta de Mayor quantia 5 que me é devedor a Mesma intendencia Municipa(l) por Serviços de pedreiro que fis narua do comer(cio) desta cidade, E por Ser berdade passo opresent(e) que a Sino, Santa Maria 27 de febereiro de 1890
10	Manoel Vicente

Quadro 1: Edição diplomática de M1

No **manuscrito 2** (M2, ilustrado na Figura 4), o cidadão Manoel Vicente solicita à Intendência Municipal que pague o valor que lhe é devido por trabalhos realizados. O documento foi redigido na cidade de Santa Maria, em 27 de novembro da última década do ano de 1800.

Memorial

Sendo o abaixo assinado credor desta
 Intendencia pelo resto de seu pagamento
 relativo a trabalhos feitos na Rua do
 Commercio, Contratados durante o exercicio,
 da extinta Camara, a contee que ate hoje
 Não tendo podido dita Conta ser amortizada
 por diçtas quiddades do cofre municipal
 pelo que eu o abaixo assinado sujeitando-
 a juras pelo imprestimo de dinheiro tomado
 para pagamento de seus trabalhadores,
 parece de todo o quiddado que se jão
 tomados providencias no sentido de ser
 diminuido em parte o valor do sea credito
 visto ser elle pobre, e causarhe outros -
 prejuizos a de mora de ser saldo

Santa Maria 24 de Novembro de 187
 Manoel Vicente

Figura 4: Edição fac-similada de M2

FONTE: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria

No Quadro 2, está a edição diplomática do manuscrito 2.

Memorial	
	Sendo o abaiso assingado credor desta
	intendencia pelo resto de seu pagamento
	relativo a trabalhos feitos na Rua do
5	Commercio, Contratados durante o esercizio
	da estinta Camara, acontece que ate hoje
	Não tendo podido dita Conta ser amortiçada
	por difiqldades do cofre municipal
	pelo que eu o abaixo asinado sujeitando=s
10	a jurar pelo imprestimo de dinheiro tomado
	para pagamento de seus trabalhadores,
	parece de todo o quidado que sejam
	tomadas providencias no sentido de ser
	diminuido em parte o valor do seo credito
15	visto ser elle pobre, e causarlhe outros-
	prejuizos a de mora de ser saldo
	Santa Maria 24 de Novembro de 189 ¹
	Manoel Vicente

Quadro 2: Edição diplomática de M2

No **manuscrito 3** (M3, exposto na Figura 5), o cidadão Rodolpho Möring Niederauer informa ao Intendente de Santa Maria que fez uma solicitação para a construção de uma estrada. O documento foi escrito em Silveira Martins (ex-colônia de Santa Maria), em 12 de março de 1901.

Colonia Silveira Marthins 12 de Março de 1901
 Ao Digno Intendente de S.^{ta} Maria da B.^{ca} do S.^{to}

Fui a Casa de Constante Beltrame a ver se
 o mesmo Constante consentise abrir a referida
 estrada que e exigida por Angelo Boza o qual
 eu não pode arumar nada, e apenas 200 metro de largura
 e e Linha da Frente das Colonias e consta estar descri-
 minada no Mapa da Colonia; ^{como estrada} intimei as ordens ao agre-
 gado Antonio Ventura que mora nas terra de Angelo
 Boza, o qual não quiz acceitar dizendo-me que he
 hi intender-se com o S.^{to}, visto Antonio Ventura ter
 Casa que pode mudar-se eu dei a Antonio 8 dias de
 prazo para elle mudar-se e mai tarde Colher as
 plantas e quando elle quizer.

Saudade e Fraternidade

Rodolpho Möring Niederauer.

Figura 5: Edição fac-similada de M3

FONTE: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria

No Quadro 3, apresenta-se a edição diplomática do manuscrito 3.

	Colonia Silveira Marthins 12 de Março de 1901
	Ao Digno Intendente de S ^{ta} Maria da B ^{ca} do Mo(nte)
	Fui a Caza de Constante Beltrame a ver se
	o mesmo Constante concentise abrir a referida
5	estrada que e exegida por Angelo Boza oqual
	eu não pode arumar nada, e apenas 200 metro de largura
	e é Linha da Frente das Colonias e consta estar descri-
	minada no Mapa da colonia como estrada, intimei as ordens ao agre-
	gado Antonio Ventura que mora nas terra de Angelo
10	Boza, o qual não quiz asseitar dizendo-me quehoge
	hi intender-se com o S ^{nr} , visto Antonio Ventura ter
	Caza que pode mudar-se eu dei a Antonio 8 dias de
	prazo para elle mudar-se e mai tarde colher as
	plantas e quando elle quizer.
15	Saude ê Fraternidade
	Rodolpho Möring Niederauer

Quadro 3: Edição diplomática de M3

FONTE: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados foram observados os seguintes aspectos:

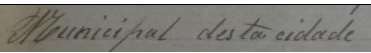
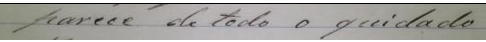
- 1) físico-gráficos: ausência de *cursus* e presença de rasuras.
- 2) gráfico e fonéticos: elevação de vogais, substituições consonantais, uso de formas etimologizadas, separação vocabular não-convencional, uso de abreviaturas.

A seguir, tratamos de cada um deles.

4.1 ASPECTOS FÍSICO-GRÁFICOS

4.1.1 AUSÊNCIA DE *CURSUS*

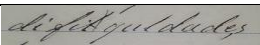
Como já mencionamos, a ausência de *cursus* diz respeito à grafia não-encadeada das letras dentro de uma palavra, ou seja, grafia não emendada, que pode ser considerada um indício de pouco domínio da habilidade na escrita manuscrita. Em nossos dados, observamos que apenas um dos redatores, Manoel Vicente, apresenta essa característica nos dois documentos de sua autoria, como podemos ver no Quadro 4. É interessante observar que embora o redator não apresente letra cursiva, a grafia de suas letras é uniforme e respeita as margens e as linhas do papel. Lembramos que M1 e M2 foram redigidos por Manoel Vicente e M3 por Rodolpho Niederauer.

Forma manuscrita	Documento
	M1, l.2
	M2, l.12

Quadro 4: Ausência de *cursus*

4.1.2 PRESENÇA DE RASURAS

Novamente, apenas Manoel Vicente apresentou esse desvio. No Quadro 5, vemos que o escrevente grafou a palavra *dificuldades* com um *l* na coda da segunda sílaba (*fĩ*), inexistente na grafia da palavra, e quando percebeu o erro riscou por cima do grafema. Santiago (2012) observa em seus dados a inserção dos grafemas *r* e *l* como formas de “deslumbramento” e tentativas de acerto na escrita. Em relação à lateral, a autora verificou casos como *palpel* por *papel* e *poelsoal* por *peessoal*. Essa pode ter sido a motivação para a inserção indevida por parte de Manoel Vicente. Dessa forma, a rasura indica vacilação do redator em relação à grafia correta da palavra, o que pode indicar pouco contato com a escrita.

Forma manuscrita	Forma atual	Documento
 <i>difilquidades</i> ⁵	dificuldades	M2, l.8

Quadro 5: Rasura

É comum associar-se a inabilidade na escrita apenas à presença de traços físicos que demonstrem dificuldades motoras no desempenho caligráfico de um indivíduo, uma vez que se pensa que pessoas com mais habilidade teriam traços mais firmes, letras mais arredondadas e interligadas e apresentariam cursividade homogênea. Se esse fosse o único critério para se avaliar a habilidade de um escrevente, apenas Manoel Vicente seria considerado inábil, pois dentre os dois redatores, somente ele apresenta esse tipo de desvio. Todavia, segundo Barbosa (2017), essa é uma suposição errônea, pois é possível haver textos de escreventes inábeis sem esse tipo de traços, como atesta o trabalho de Marquilhas (2000). Esse é o caso de Rodolpho Niederauer que não exhibe nenhuma divergência do tipo físico-gráfico, no entanto não pode ser considerado como tendo mãos hábeis, pois apresenta vários desvios gráficos e fonéticos, como veremos a seguir.

4.2 ASPECTOS GRÁFICOS E FONÉTICOS

Nessa seção, analisamos aspectos que dizem respeito às convenções ortográficas e à influência da oralidade. Começamos por esta última.

4.2.1 ALÇAMENTO DE VOGAIS

Como já referimos, a instabilidade na realização das vogais médias pretônicas remonta ao latim vulgar e perdura modernamente. Tal variabilidade pode ser explicada pela atuação do processo fonológico de alteamento vocálico o qual pode ser motivado pela presença de vogal alta na sílaba seguinte (harmonia vocálica) ou pode ocorrer sem a presença deste tipo de vogal (alçamento sem motivação aparente). Os dois redatores apresentaram dados desse tipo como se vê no Quadro 6, em que há um caso de harmonia vocálica (**recibi**) e dois casos sem motivação aparente

⁵ Além da rasura sobre o grafema **l**, o autor troca o grafema **c** por **q**. Essa substituição é analisada na subseção 4.2.3.

(**impréstimo** e **intender-se**). Bisol (1981) refere que a vogal **e** em posição inicial seguida de nasal ou sibilante é realizada categoricamente, na fala, como vogal alta no português atual.

	Forma manuscrita	Forma atual	Documento
Elevação da vogal média	recibi	recebi	M1, l. 2
	imprestimo	empréstimo	M2, l. 10
	intender-se	entender-se	M3, l.11

Quadro 6: alçamento de vogais

4.2.2 SUBSTITUIÇÕES CONSONANTAIS

O Quadro 7 ilustra as substituições consonantais encontradas nos manuscritos dos dois escreventes.

Observamos que as consoantes **z**, **ç** e **z**, nas palavras **caza**, **quis**, **quizer**, **amortiçada** e **esercicio**, representam a pronúncia do mesmo fonema, /z/, o pode causar dificuldade para um redator menos acostumado com a escrita, pois a diferença de grafia entre essas palavras deve ser “memorizada”, uma vez que se trata de uma convenção ortográfica. O mesmo pode ser dito a respeito da troca entre **s**, **c** e **ss**, na forma verbal **concentise**, e entre **x** e **s**, em **estinta**. As três consoantes (s, c e x) e o dígrafo **ss** são formas diferentes de representar o fonema /s/. Situação semelhante ocorre com a alternância entre **j** e **g**, na palavra **hoge**, em que ambas as consoantes representam o mesmo fonema /ʒ/ quando antecedem as vogais **e** e **i**, e entre **r** e **rr** que podem representar o chamado “r forte”, em posição inicial (rato) e medial, respectivamente (carro), como na grafia do verbo **arumar**.

A respeito das sibilantes s, z, ss, ç, ch e x, Paiva (2008) diz que no português arcaico havia distinção de pronúncia entre elas. A autora menciona que “por volta de 1550 começa a haver confusão entre os fonemas, grafando-se ç por ss ou ss por ç; s por z e vice-versa. Daí as dificuldades que ainda se encontram hoje na grafia de sons semelhantes como ç e ss e s intervocálico e z” (PAIVA, 2008: 178-179).

Em relação à representação dos dígrafos **ss** e **rr**, Santiago (2012: 121) refere que “a grafia dos dígrafos parece ser realizada pelos inábeis sob a hipótese de que há uma correspondência biunívoca entre sons da fala e letras do alfabeto, ou seja, cada letra corresponde a um som e cada som a uma letra”. É o que observamos nas grafias

com apenas um segmento ao invés de dois nas palavras **concentise, paso, asinado e arumar**.

Vê-se no quadro 7 também a variação entre **b** e **v**, contudo, ela não pode ser explicada da mesma maneira. Mattos e Silva (1991) comenta que desde o galego-português há variação entre essas duas consoantes, o que também pode ser verificado em pronúncias portuguesas atuais: [b]assoura *vs.* [v]assoura, [b]erruga *vs.* [v]erruga. A alternância em nossos dados pode ser reflexo dessa inconstância entre as duas consoantes.

Há ainda no quadro 7 dados de variação entre **c** e **q**, como em **Procurador, quidado e difiqldades**. Essa variação pode estar relacionada ao fato de a consoante **c** estar seguida da vogal **u**, como acontece quando a sequência **qu** é empregada. Paiva (2008: 180) comenta que no português arcaico essa alternância era frequente: corenta (quarenta), coresma (quaresma), nunca (nunca), cinco (cinco). Atualmente, temos formas alternantes como cotidiano ~ cotidiano, quociente ~ cociente.

Substituição	Forma manuscrita	Forma atual	Documento
z no lugar de s	caza quiz quizer	casa quis quiser	M3, l.3 e l.12 M3, l.10 M3, l.14
ç no lugar de por z	amortiçada	amortizada	M2, l. 7
s no lugar de x	esercicio	exercício	M1, l. 5
c no lugar de s e s no lugar de ss	concentise	consentisse	M3, l.14
s no lugar de ss	paso asinado	passo assinado	M1, l.7 M2, l.9
ss no lugar de c	asseitar	aceitar	M3, l.10
s no lugar de x	estinta	extinta	M1, l. 6
g no lugar de j	quehoge	que hoje	M3, l. 10
b no lugar de v	berdade febereiro	verdade fevereiro	M1, l.7 M1, l.8
q no lugar de c	Proqurador quidado difilquidades	Procurador cuidado dificuldades	M1, l. 2 M2, l.12 M2, l. 8
r no lugar de rr	arumar	arrumar	M3, l.6

Quadro 7: Substituições consonantais

4.2.3 USO DE FORMAS ETIMOLOGIZADAS

Poucas vezes consegue-se estabelecer a relação hierárquica entre o produtor e o receptor de um texto apenas com base nas informações contidas no documento. Além disso, frequentemente, não é possível traçar o perfil sócio-cultural do redator e seu grau de letramento. Por isso, Barbosa (2005) propõe que a partir da observação da taxa de uso e de acertos de formas latinizadas em textos, tais como, consoantes geminadas (ella), sequências mediais de obstruintes (objecto), grafemas latinos (catastrophe), possa-se medir o grau de erudição do escrevente. O uso de variadas palavras etimologizadas pode indicar que o redator tenha tido mais contato com textos escritos e, por isso, tenha maior letramento, segundo Barbosa (2005).

Em nossos dados, observamos que os dois redatores apresentam formas etimologizadas, conforme nos mostra o Quadro 8.

Consoantes	Forma manuscrita	Forma atual	Documento
Consoantes	elle	ele	M2, l.15
geminadas	Commercio elle (2x)	Comércio ele	M2, l.5 M3, l.13 e l.14
Uso de y	Mayor	maior	M1, l.4
Uso de h	Marthins	Martins	M3, l.1
Forma latinizada	Digno	Digno	M3, l.2

Quadro 8: formas etimologizadas

Há ocorrências de consoantes geminadas em ambos os redatores. Observamos o uso arbitrário de **y** em Manoel Vicente (M1); uso arbitrário de **h** e manutenção da forma latina da palavra **digno** em Rodolpho Niederauer (M3)⁶. Há apenas sete formas etimologizadas nos três manuscritos, número que podemos considerar bastante reduzido, o que evidencia um grau baixo de letramento dos dois redatores.

4.2.4 SEPARAÇÃO VOCABULAR NÃO-CONVENCIONAL

De modo semelhante à linguagem infantil⁷, a escrita de adultos pouco hábeis demonstra uma interpretação da fala como um contínuo e as hipossegmentações podem refletir divisões da fala em termos de grupos de força. Segundo Câmara Jr. (2004: 132), o grupo de força define-se como um “[...] sintagma de dois ou mais vocábulos que constituem numa frase um conjunto fonético significativo, enunciado sem pausa intercorrente e subordinado a um acento tônico”.

Em nossos dados, como ilustra o Quadro 9, vemos casos de hipossegmentações nos manuscritos dos dois redatores, os quais são compostos pela união de: artigo e

⁶ A forma **digno**, na passagem do latim ao português, foi simplificada para **dino**, mas voltou a recompor-se no período renascentista (PAIVA, 2008).

⁷ Kajita (2009: 47) menciona que, “diferentemente das crianças, a maioria das mãos inábeis não está em um *processo* de aquisição da escrita; ao contrário, as mãos inábeis se encontram *estagnadas*, estacionadas numa fase aquém do que se consideraria ideal. Apesar dessa diferença, tal fato não parece ser um obstáculo para uma comparação entre os dois tipos de texto, pois além de serem dois grupos que estão em um estágio em que ainda não dominam completamente a norma, deve-se notar que os textos de mãos inábeis costumam apresentar fenômenos semelhantes aos que se encontram em textos infantis”.

nome (*aquantia*, *oprezente*), artigo e pronome (*oqual*), preposição e nome (*narua*), verbo e pronome (*causarlhe*), conjunção e advérbio (*quehoge*). Essas ocorrências devem-se ao fato de o clítico (posicionado à direita ou à esquerda), que não porta acento, estar apoiado em uma palavra gramatical (nome, verbo ou advérbio), que porta acento, formando um grupo de força.

Forma manuscrita	Forma atual	Documento
aquantia	a quantia	M1, l. 3
narua	na rua	M1, l. 6
oprezente	o presente	M1, l. 7
causarlhe	causar-lhe	M2, l. 15
oqual	o qual	M3, l.5
quehoge	que hoje	M3, l.10

Quadro 9: Hipossegmentações

A segmentação vocabular não-convencional é um aspecto importante para caracterizar um redator como menos letrado, pois esse desvio ortográfico reflete seu pouco domínio de textos escritos, como aponta Marquilhas (2000). Nossos dados vão nessa mesma direção.

4.2.5 USO DE ABREVIATURAS

Como mencionamos anteriormente, com base em Coelho, Ramos e Duchowny (2015), é possível relacionar o uso de abreviaturas a um maior grau de letramento do redator, uma vez, que esse uso demanda dele, sobretudo, conhecimento de outros textos e agilidade para executar a tarefa de escrita. Além disso, o redator demonstra saber que sua utilização confere elegância e beleza ao texto.

Em nossos dados, somente um dos escreventes, Rodolpho Niederauer (M3), apresenta formas abreviadas, como se vê no Quadro 10. É importante ressaltar que, dentre todos os tipos de abreviaturas definidos por Spina (1977), foram encontrados apenas casos de **síncope** e **sobreposição**.

Tipo de abreviatura	Forma abreviada	Documento
Síncope e sobreposição	S ^{ta}	M3, l.2
	B ^{ca}	M3, l.2
	S ^{nr}	M3, l.11

Quadro 10: Abreviaturas

Tais resultados, ausência de abreviações em um dos redatores e elenco limitado no outro, evidenciam baixo grau de letramento dos dois escreventes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Quadro 11, apresentamos um resumo dos traços de inabilidade encontrados nos manuscritos de Manoel Vicente e de Rodolpho Niederauer.

Observamos que apenas o redator Manoel Vicente apresentou desvios físico-gráficos. No entanto, somente esse critério não é suficiente para medir sua habilidade na escrita. Rodolpho Niederauer não apresenta nenhum caso desse tipo, mas não pode ser considerado como tendo mãos hábeis.

Em relação às convenções gráficas e à influência da oralidade, os dois redatores apresentaram desacertos, o que reforça nossa hipótese de que ambos teriam pouco contato com a escrita.

	Manoel Vicente	Rodolpho Niederauer
Aspectos físico-gráficos		
Ausência de <i>cursus</i>	sim	não
Presença de rasuras	sim	não
Aspectos gráficos e fonéticos		
Elevação de vogal	sim	sim
Substituições consonantais	sim	sim
Uso de formas etimologizadas	sim	sim
Segmentação não-convencional	sim	sim
Uso de abreviaturas	não	sim

Quadro 11: Índícios de inabilidade dos redatores

O reconhecimento de textos de redatores em fase inicial de aquisição da escrita pode fornecer informações relevantes sobre dados da oralidade de sincronias passadas, uma vez que não temos mais acesso aos falantes. Além disso, contribui para a caracterização do papel social da escrita.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, Mary Aizawa (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- ABAURRE, Maria Bernadete; GALVES, Charlotte; SCARPA, Ester. A interface fonologia/sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese top-down na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. (Org.). *Estudos de Prosódia no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1999.
- AVELHEDA, Anna Carolina da Costa; BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira. Vogais médias pretônicas: uma análise pancrônica. In: *VII Congresso Internacional da Abralín*, 7^a ed., 2011. Anais. Curitiba: UFPR.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves; LIMA, Círia da Silva. Aspectos grafemáticos e culturais em manuscritos do século XIX: critérios para a construção de corpora contrastivos do português. *Revista Philologus*, v. 25, p. 6, 2003.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Tratamento dos Corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das *mãos inábeis* em *corpora* histórico-diacrônicos. *Revista da ABRALIN*, v.16, n.2, p. 19-43, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017.
- BISOL, Leda. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- COELHO, Sueli Maria; RAMOS, Jania Martins; DUCHOWNY, Aléxia Teles. Processos e mudanças em abreviaturas mineiras setecentistas: regularidade e ruptura. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 333-352, jul./dez. 2015.
- CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA Ana Ruth Moresco. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição de escrita: a influência da prosódia. *Alfa*, São Paulo, 53 (1), p. 127-148, 2009.
- DUCHOWNY Aléxia Teles; COELHO, Sueli Maria; COELHO, Guilherme Henrique. Sistema de abreviaturas de documentos adamantinos setecentistas. *Revista Letras*, v. 90, p. 233-252, jul./dez, 2014.
- FERREIRA, Carmen Regina Gonçalves. *Um estudo sobre a segmentação não-convencional na aquisição da escrita de alunos de EJA*. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2011.

- FERREIRO, Emília; PONTECORVO, Clotilde. Os limites entre as palavras: a segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, Emília. et alii. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, 1996. p. 38-77.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas*. Manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 2 ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- MARQUILHAS, Rita. *A Faculdade das Letras: Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: IN-CM, (Filologia Portuguesa) 2000.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.
- MONARETTO, Valéria. O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. *Letras de Hoje*, v.40, n°3. Porto Alegre, 2005.
- NASI, Roberto. Elevação de vogais médias pretônicas: registros históricos em jornais do século XIX. *Fragmentum* n. 39, 2014.
- POGGIO, Rosauta. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português*. Salvador: Edufba, 2002.
- PAIVA, Dulce de Faria. Século XV e meados do século XVI. In: SPINA, Segismundo (org.) *História da Língua Portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.
- SANTIAGO, Huda da Silva. *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano*. 2v. Feira de Santana, 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.
- SANTOS, Marcelle Pereira de Lima Barbosa dos. *Um estudo sobre a segmentação não-convencional de palavras, frases e textos por adultos e crianças em processo de alfabetização*. 78p. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SILVA, Érica Nascimento; LOPES, Célia Regina dos Santos. O perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre: uma análise grafemática através da edição de cartas particulares. *Confluência*, vol. 43, p. 78-104, 2012.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- TAVANI, Giuseppe. Los textos del siglo XX. In: SEGALA, Amos (Ed.) *Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XXe siècle: théorie et pratique le l'édition critique*. Roma, Bulzoni, p. 53-63, 1988.
- TELLES, Célia Marques. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. *Calidoscópio*, vol. 6, n. 1, p. 28-36, jan/abr 2008.

Artigo recebido em 15 de dezembro de 2018.

Artigo aceito em 26 de fevereiro de 2019.